

Diversão & Arte

» MARIANA REGINATO*

Em 2011, os mesmos diretores de *A princesa e o sapo*, John Musker e Ron Clements, começaram a desenvolver a história da primeira personagem polinésia da Disney. *Moana* só chegou às telas de cinema no final de 2016, e, no Brasil, em janeiro de 2017. Nos cinco anos de criação do filme *Moana — uma mar de aventuras*, Musker e Clements foram a diversas ilhas do Pacífico e receberam ajuda de especialistas para a criação da personagem.

No início do filme de 2016, Moana relata que seu povo parou de navegar e não passava de uma parte do oceano e, a jovem, encantada pelas águas, decide trazer essa tradição de volta. Essa ideia do filme é inspirada no período conhecido como Longa Pausa da história da Polinésia. Os polinésios são conhecidos por terem habilidades de navegar longos perímetros até antes dos europeus, mas em algum momento houve uma grande pausa de mais de mil anos. Existem diversas teorias dos motivos da pausa, mas nenhum foi comprovado.

Inspirado na cultura do povo Maori, *Moana* se destacou na crítica por ser uma forte personagem mulher que não busca um par romântico no final, ao lado de Merida do filme *Valente* (2012) e de Elsa do *Frozen — uma aventura congelante* (2013). O filme foi classificado com 95% de aprovação pelo Rotten Tomatoes, site americano que reúne opiniões de críticos de cinema. Além disso, alcançou uma bilheteria de mais de R\$ 640 milhões.

Além dos aspectos culturais, um dos destaques dos filmes de *Moana* são as músicas. As canções do filme de 2016 foram escritas por Lin Manuel Miranda, ator, compositor e dramaturgo. *How Far I'll Go*, música principal, foi indicada ao prêmio de Melhor canção no Oscar com a voz de Auli'i Cravalho.

Dirigido por David Derrick Jr, Jason Hand e Dana Ledoux Miller, *Moana 2* chega aos cinemas trazendo elementos conhecidos e amados pelos amantes da personagem. Moana, agora com 19 anos, se tornou um símbolo entre seu povo e em uma navegação, encontra um elemento que representa a possível presença de outras pessoas em ilhas próximas. A jovem adulta recebe um chamado e deve voltar ao mar para quebrar a maldição do deus Nalo, que separou seu povo.

Dessa vez, Moana se joga ao mar acompanhada de três novos personagens. Loto é uma engenheira da ilha, que constrói os barcos de Moana e a acompanha no mar. Kele, um agricultor e ancião da ilha, não é tão fã do mar, mas ajuda o grupo na aventura. O contador de histórias e grandíssimo fã do semideus Maui, Moni é o quarto integrante do grupo que ajuda com sua força. Maui reaparece na sequência e embarca novamente na jornada marítima da jovem, sempre ajudando nos momentos necessários.

Os números musicais e os visuais do longa-metragem ainda são um destaque, especialmente a música de Matangi, nova personagem misteriosa que questiona e desafia Moana. A personagem acaba entendendo, com algumas ajudinhas, que a busca por si mesmo nunca para. O filme deixa um gancho para uma nova história da Polinésia e faz parecer que *Moana 2* é só o começo.

DE volta ÀS ÁGUAS



MOANA 2 TRAZ A PERSONAGEM POLINÉSIA DE VOLTA AS TELAS COM SUA FORÇA DE VONTADE E AMOR PELO OCEANO. NOVO FILME DE **ANNA MUYLART** USA HUMOR PARA FALAR SOBRE O PAPEL FEMININO

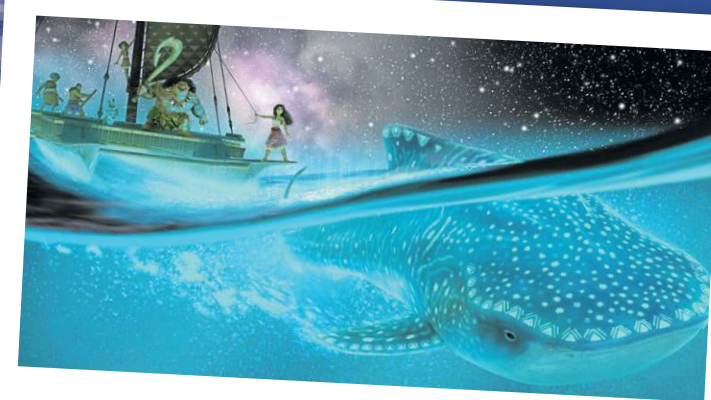
Fotos: Disney/Divulgação



Moana e sua irmãzinha Simea



Moana, Kele, Moni e Loto se aventuram juntos no oceano



Moana 2 chega aos cinemas hoje

REUNIÃO da LULUZINHA

» RICARDO DAEHN

Vencedor do prêmio especial do júri no mais recente Festival de Cinema de Gramado, o longa-metragem *O clube das mulheres de negócios* chega aos cinemas, com a assinatura de Anna Muylaert, associada a filmes de trajetória internacional como *Que horas ela volta?* e *A melhor mãe do mundo*. No novo filme, apesar da presença de alguns personagens masculinos, caso daqueles interpretados por Rafael Vitti e Luis Miranda, as mulheres estão à frente de todas as cenas.

Orçado em R\$ 8 milhões, o longa foi viabilizado através da Ancine, editais e apoio da Globo Filmes. Daí não ter enfrentado barreiras, no corporativo e masculino, universo dos empresários e patrocinadores. Na tela, comparecem talentos como os de Cristina Pereira, Katiúscia Canoro, Grace Gianoukas e Ítala Nandi. Tudo se passa dentro da dinâmica de uma hipocrisia operante, muito conhecida e difundida pelos brasileiros. No clube, nada é o que parece. Confira as inquietações do cinema da autora de Durval discos.

Entrevista // Anna Muylaert, cineasta

Na tua opinião, o humor adotado segue a linha nonsense? A quem cre que o filme se destine?

O filme está numa linha satírica que trata de temas incômodos, é um humor incômodo, muitas vezes as pessoas riem, mas riem de nervoso. Creio que o filme se destina ao público geral.

Em que as atrizes contribuíram?

As atrizes contribuíram muito com seus talentos, suas personalidades e com o afinho que deram para fazer o filme, entendendo que se tratava de um trabalho coletivo. Houve também conversas e alguma improvisação.



As onças em cena são todas fake? Nada de trabalho para zoológico, lbama e afins?

Eu queria fazer com onças reais, mas o Ibama não deixa. Então tivemos que partir para o CGI o que foi um problema financeiro, devido ao alto custo. Por sorte tinha uma colega da ECA (Escola de Comunicações e Artes), o Alceu Baptista que é dono da Vektor Zero, a maior empresa de CGI do Brasil, topou entrar na empreitada como sócio.

Brasília, impossível não falar dela! De onde veio a ideia? Como acha que Louise Cardoso se saiu? Ela simboliza a capital?

Brasília Arruda Botelho foi na verdade uma chefe do cerimonial do palácio do governo do estado



Cena de "O Clube das Mulheres de Negócios", de Anna Muylaert.

de São Paulo por muitos anos. Me inspirei nela — e claro com o trocadilho do nome dela — para criar essa personagem serviçal que joga no meio campo entre todas as outras sócias, ou seja, entre todas as

forças políticas e econômicas do país. Acho que Louise saiu-se extremamente bem, sempre de olho em tudo, sempre serviçal, aparentemente fiel a sua presidente, mas não incorruptível.